

Só e Bem Acompanhada¹

ENTREVISTA REALIZADA COM NEUSA SANTOS SOUZA²

Cristina – Neusa, como você vê essa questão da formação analítica e o lugar da instituição na transmissão da psicanálise? Nós lhe dirigimos essa pergunta porque você tem uma posição *sui generis* no cenário psicanalítico do Rio de Janeiro. Tornou-se analista sem atravessar esses campos áridos das instituições, ao mesmo tempo que faz uma assunção teórica bem definida...e participa da prática de formação de várias instituições, está lá presente.

Neusa – Privilégio, como lugar fundamental da formação do analista, a análise, sua própria análise. O lugar da informação, da sistematização do saber também faz parte da formação do analista, mas é secundário, segundo. O fundamental é uma certa relação do analista com o saber onde o privilégio é dado não ao saber consciente, ao saber das bibliotecas, mas ao saber que opera no lugar da verdade, na Outra cena, na cena do inconsciente. E a meu ver só o discurso e a experiência analítica são capazes de tal subversão. Tenho participado desses dois lugares – quanto a minha participação no que considero o lugar secundário, faço-o de um modo fragmentário, descontínuo. Quer dizer, não estou nessas instituições no sentido de que aí programo os cursos de formação como um todo, o modo de organização do trabalho, não estou aí pensando qual é a concepção de análise dessa instituição, de final de análise, de entrada em análise, em suma, não estou aí pensando as questões político institucionais, que são da responsabilidade desses lugares que se querem de formação de analistas. Nesse sentido

1. Publicada na *Cadernos de Psicanálise*, Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ), ano 8, n. 11, p. 76-86, 1990.

2. Participaram da entrevista Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Rezende.

minha participação é muito secundária e pontual. Eu me sinto responsável que esse pontual tem de ser feito da melhor forma que eu possa fazer. Minha presença é muito evanescente nesses espaços.

Cristina – Você considera que de alguma maneira que a sua não vinculação formal institucional se sustente pela vertente teórica?

Neusa – A vertente que sustenta isto fundamentalmente é a alegria que encontrei nesta forma de viver. Uma série de acasos me levaram a me organizar assim. Comecei a estudar psicanálise com um grupo de estudos, tendo um coordenador, e assim foi feito por um longo tempo, até o momento que senti que poderia estudar com meus pares, sem necessariamente ter um coordenador e gostei desse estilo. É como estou bem nesse estilo, gosto fundamentalmente disso, quero continuar assim, e também porque os ecos que me chegam de outros modos de se organizar não me interessam, não me fascinam, não me seduzem. No meu entender as coisas caminham bem nessa forma que encontrei, nessa forma que me foi oferecida por essa constelação de acasos. É fundamentalmente isso, uma vontade de permanecer nesse estilo.

Cristina – Vontade de permanecer nesse estilo... Fiquei pensando numa definição antiga de instituição que é uma coisa assim: instituição é aquilo que permanece.

Neusa – É, mas o desejo é também a tendência a perseverar, essa insistência em permanecer, uma concepção inclusive do Spinoza: o desejo, essa tendência em perseverar, esforço em perseverar no seu ser.

Cristina – Não tem então que haver uma corrente teórica em seu pensamento que ancore essa prática de não vinculação formal à instituição? Aí é um ponto que eu acabo sempre insistindo que é essa questão da função da instituição, se é possível pensar no exercício de qualquer saber, sem incluir essa dimensão política na produção desse próprio saber, sua articulação com o desejo, não é aí que se cria a singularidade desse pensamento, suas marcas próprias, a partir dessa dimensão política? Não sei como você vê isso, mas a instituição não é necessária, pelo menos na sua forma mínima?

Neusa – É. Sem dúvida, a instituição é necessária... Mas quanto ao meu modo de vinculação à psicanálise e ao cenário analítico – uma vinculação

informal às instituições – para isso não conto com nenhuma âncora de verdade. O que me move é uma insistência quase teimosa, que me leva a perseguir e afirmar um modo de agenciamento singular com meus pares onde se constroem laços de trabalho – laços frouxos, elos e não cadeias. “Viver é muito perigoso”, como diz o Riobaldo de Guimarães Rosa.

Cristina – Não digo a instituição material propriamente, concreta, mas enfim, um modo que se repete, de exercício...

Neusa – As instituições existem, a sociedade se organiza e se reproduz através das instituições. Agora, o que eu acho é que há muitas formas de se institucionalizar. Eu acho que os grupos de estudos, que fazem parte fundamentalmente da minha trajetória, são um modo de institucionalização. Só que, como costumo dizer, é um modo tênue de pertencimento. É uma forma tênue de ligação aos pares e que é fundada, sobretudo, ao desejo de trabalhar, sem que nada exterior, no sentido de um aparato burocrático para além da vontade, do desejo das pessoas decida de sua formação. E há uma característica visível que constato nos grupos: eles se fazem e se desfazem em muito pouco tempo. Isto é próprio da vida dos grupos: nascer, crescer, ficar algum tempo e morrer...E renascer de outro modo. O que não sei é se as instituições com um aparato burocrático muito pesado se dão ao luxo, querem pagar o preço dessa transformação contínua, dessa ameaça contínua de morrer e, enfim, da promessa de renascer.

Marta – É nesse sentido que haveria uma tendência à cristalização nessas instituições?

Neusa – Ah, sim, eu acho, eu acho... Elas não querem morrer.

Marta – Quais são os efeitos? Essas instituições permanecem, mudam burocraticamente, aparentemente, mas há uma base que permanece: a maneira de entender a formação, as próprias pessoas que participam, têm ali um percurso bastante longo... Que efeito você pensa que essa cristalização possa causar a nível do próprio processo de transmissão da psicanálise?

Neusa – Perda de virulência, perda daquilo que a psicanálise tem de mais ousado, de mais audacioso. Freud não tinha ilusões quanto a isto. Ele avaliava que era preciso institucionalizar a psicanálise, ela tinha de permane-

cer, que conquistar espaços. Mas ele sabia que o preço disso seria uma certa perda de vigor. A psicanálise poderia se tornar coisa morna, ela que tanto queimava. O preço seria uma certa perda de virulência dessa peste que era a Psicanálise em seus primeiros momentos.

Inês – E por que você participa? Você participa de várias sociedades, não?

Neusa – Sim, eu participo de várias sociedades. O meu modo de participar é que é singular. O que eu não quero é uma participação orgânica nesses lugares. Mas eu tenho um convívio, estou à margem, e margem não quer dizer exclusão: estou fora com alguma conexão com o dentro. As instituições têm de existir, mas não quer dizer que eu participe organicamente delas. Elas não me pedem isso e eu seria muito ingênua, para não dizer pretensiosa, se eu achasse que as instituições precisam que eu participe delas. Minha participação, como falei a pouco, é muito evanescente, é de vez em quando, é pontual: um seminário, uma apresentação de trabalho, uma participação num debate, num momento ou noutro...

Inês – É, mas há sempre uma ou mais instituições onde você dá seminário.

Neusa – É.

Inês – Você também precisa delas de alguma maneira.

Neusa – Sem dúvida. O que eu não preciso é de pertencer organicamente a elas. É certo que se elas não existissem, eu não teria sido, não seria psicanalista.

Inês – Exatamente. Se elas não existissem, a psicanálise não seria divulgada, as pessoas não a procurariam.

Neusa – Exatamente, se as instituições não existissem eu não teria encontrado a Psicanálise. O que precisa ficar bem claro é que estou contando qual é o meu percurso, afirmando-o, e não sendo contra um percurso que não é o meu. Eu parto de uma posição afirmativa da vida. Eu sou a favor de alguma coisa, não contra outra.

Adriana – Sua posição é de não filiação a nenhuma instituição?

Neusa – Não, minha posição é de afirmar é de afirmar um estilo de trabalho que encontrei, um estilo de institucionalização que me parece conve-

niente. Estou muito contente com essa forma que encontrei de trabalhar. Então não sou contra isso ou aquilo, sou a favor dessa forma que encontrei.

Adriana – O que você acha que faz as pessoas procurarem as instituições?

Neusa – Aí eu não sei. Aí vocês sabem mais do que eu, com certeza. (risos)

Inês – Porque eu acho que isso é uma coisa para poucos privilegiados. A partir de uma conjunção de fatores, você pôde de certa forma se dar a esse luxo de não pertencer e ao mesmo tempo pertencer, ou melhor, ser reconhecida por várias instituições. Porque você precisa do reconhecimento delas e conseguiu isso: ter esse reconhecimento sem pertencer organicamente a elas.

Neusa – Sim. Preciso delas como preciso de todo mundo. A questão é que não considero necessário estabelecer uma relação orgânica com qualquer instituição para que eu possa trabalhar como analista. Para que eu possa existir como analista preciso de muitas coisas, inclusive das instituições analíticas. Elas têm um lugar, sim, mas um lugar não maior do que o curso de filosofia, do que os grupos com meus pares e alunos, um lugar seguramente bem menor que aquele ocupado pelo “que fazer diário”: o do trabalho com os analisantes.

Inês – Mas, dentro de sua atividade como psicanalista, como ficam as instituições para você!

Neusa – Se eu pensar como caí nisso, como vim dedicar o essencial da minha vida a esse *métier*, a esse trabalho, a esse “que fazer”, tenho de reconhecer que o fato da psicanálise existir até hoje fez com que eu me encontrasse com ela e isso devo à genialidade de Freud e seus discípulos, que acharam por bem criar um aparato para fazer a psicanálise continuar viva por algum tempo. Reconheço dessa forma as instituições. E nada mais do que isso.

Marta – Mas fora seu percurso pessoal, você acha que, em termos da transmissão da psicanálise, hoje em dia – não vamos pensar no caso de que não houvesse nenhuma instituição, nada instituído, porque aí nenhum de nós teria tido acesso a essa prática – você acha imprescindível a existência de uma instituição, ela é fundamental para a continuidade do processo?

Neusa – Olha, não sei, não tenho essa avaliação. Fazendo ficção científica: o que poderia acontecer se as sociedades psicanalíticas se dissolvessem todas...

Marta – Ou, fazendo a pergunta de outra forma: qual a importância das instituições no processo hoje?

Neusa – Não sei, porque na medida que não me sinto tão preocupada pelas instituições tal como existem hoje, não me preocupo em pensar com mais rigor, com mais cuidado, essas questões. Eu penso o que faço, as consequências do que faço e me pergunto, secundariamente, sem muito rigor, sobre o presente, sobre o futuro das instituições. A rigor não estou muito preocupada com isso. Agora, o que observo é muito curioso, a maior parte das pessoas que estudam comigo depois de algum tempo vão para alguma instituição ou já estão ligadas a alguma instituição e estudam comigo. Enfim, as pessoas que estão em torno de mim, alunos ou a maior parte de meus pares, estão ligados a alguma instituição. O que está perto de mim é essa tendência muito intensa das pessoas de participarem das instituições. Então eu fico pensando, talvez de uma forma ingênua, mas se as pessoas querem tanto isso, talvez seja vital, não sei. (risos)

Adriana – É tão procurado, não é?

Neusa – É, se é tão procurado... É claro que a gente sabe do poder de criação da demanda: inventa-se um produto e se faz as pessoas acharem que ele é vital, mas depois de um certo tempo, isso fica sendo vital mesmo. E o que se pode fazer? Eu digo a você que não me preocupo muito com isso... Vocês escolheram a pessoa errada para a entrevista...

Marta – Não, a pessoa certíssima, principalmente, pela à singularidade em relação à todos que estão muito dentro das instituições e aí fica até mais difícil ver os efeitos. A pergunta que eu queria fazer é sobre o seu trabalho: você sente efeitos no seu trabalho que se relacionem a essa especificidade da sua situação?

Neusa – O que eu vejo é que essas pessoas que ficam algum tempo comigo, querem um estudo mais personalizado, buscam um trabalho mais artesanal, querem um cuidado mais próximo ao que está se passando com elas, no sentido de estudo, de uma orientação de estudo. Então eu me sinto

numa posição de um artesão, que tem um certo *savoir-faire* daquele *métier* e que passa adiante a meia dúzia de gatos pingados que estão interessados na intimidade desse trabalho, eu passo o que sei fazer...

Marta – E na sua prática analítica, você vê algum efeito específico relativo à essa situação de não pertencer a instituições? Qual o efeito disso para sua prática? Como você pensa o fato de não estar numa instituição que teria essa característica mais cristalizada? Você vê essa plasticidade em termos de efeitos práticos?

Neusa – O que eu diria em termos mais imediatos é que, pelo fato de eu não estar vinculada organicamente a nenhuma instituição, em tese estou mais livre para ouvir certas questões que meus analisantes trazem sem necessariamente dar um encaminhamento ou ouvir com uma vestimenta político institucional o que eles estão dizendo. Eu estou falando especialmente de analisantes...

Inês – Analistas.

Neusa – Exato. De analisantes que estão vinculados às instituições. Creio que se pertencesse organicamente – como militante – a uma instituição não teria condições de escuta analítica. Ouvir analiticamente alguém que se debate com questões institucionais quando se está politicamente implicado e comprometido aí, é exigência de tal monta que não presumo estar à altura de responder. Então, acho que uma das vantagens que tenho de estar fora das instituições, nas bordas da instituição, é a de não estar comprometida com as alianças políticas, compromissos e fidelidades que necessariamente existem nesses espaços. E assim preservar as condições da escuta analítica.

Cristina – Pode-se dizer que, de certa maneira, é uma garantia para uma produção mais vigorosa...

Neusa – Garantia... Não gosto dessa palavra... Não digo que é uma garantia porque pode ser...

Cristina – Uma estratégia...

Neusa – É uma vantagem que advém desse meu modo de viver. Não digo que é uma garantia porque eu sou humana, demasiado humana, o que já

impossibilita qualquer asseguramento, qualquer garantia de neutralidade. Quem sabe um dia eu fique curiosa com algo que vem dessas instituições... Então não há garantia de nada, mas eu prefiro essa distância.

Inês – Já que você passa por várias instituições dando seminários, o que você pode falar, não de cada instituição, mas em geral, porque eu imagino que você vai dar seminários por uma questão de transmissão de saber, então...

Neusa – Sim, a alma é essa. Nesses lugares sou uma professora. Meus serviços foram contratados. E isso eu procuro fazer do melhor modo que eu posso. Eu observo uma coisa em relação à minha experiência anterior – fui professora universitária durante muito tempo – que é que existem poucos alunos que se dedicam a estudar a estudar de fato. E não encontrei exceção em relação às Sociedades Psicanálticas. Achei os alunos todos muito parecidos. (risos) Sei que alguns de fato estudam, têm questões, tentam articular a clínica com a teoria, mas esses são a minoria da minoria. A maioria dos alunos dá a impressão que estão ali num certo entretenimento de ouvir do professor alguma coisa pronta, alguma coisa razoavelmente mastigada, que não só facilite o estudo do texto, mas que dispense o trabalho maior com o texto. É uma coisa que vejo genericamente. Enfim, não encontrei entre os alunos de Psicanálise uma diferença de qualidade em relação aos alunos da Universidade.

Adriana – Aí a gente volta à questão da transmissão, não especificamente a transmissão da Psicanálise, mas de como ela é feita, a questão da coisa dada, mastigada, onde o lugar do aluno nem é questionado, ele está lá para ouvir, mas de forma pouco participante...

Neusa – Eu acho que essa forma de implicar o aluno, de fazê-lo participar, de acompanhá-lo em sua singularidade, não pode ser feita num grupo de mais de oito pessoas no máximo. Para você ter um acompanhamento de pertinho mesmo, vendo as questões de cada um, fazendo com que surjam, ensinando o aluno a ter questões, a se inquietar, a de fato se interessar, etc., você vai ter que de fato trabalhar com um grupo pequeno.

Adriana – Não sei se isso é apenas questão de grupo pequeno. Talvez seja uma questão de ensino aqui no Brasil. Perde-se a dimensão da coisa se não pensarmos no Brasil, não sei se a questão é só da Psicanálise.

Marta – Mas não sei se, nessas sociedades que têm de reproduzir todo um funcionamento, que têm uma hierarquia bem marcada, se essa situação não fica acentuada. Não imagino muito nessas sociedades a possibilidade de abertura para a crítica. Há casos de pessoas que se indispõem ou questionam e são excluídas ou convidadas a se retirar. Acho que isso dentro da Psicanálise parece uma coisa exatamente brasileira. Porque há um modelo das sociedades tradicionais que realmente tem uma prática com essas características. O poder marcado, bastante hierarquizado, com muito pouco espaço para questões. O espaço do questionamento tem de ser conquistado.

Adriana – É uma conquista pela ruptura também. Na França, por exemplo, as instituições se dividiram, devido a rupturas, a não concordâncias.

Marta – É, mas aí tem de romper, o que mostra que a instituição não suporta essas divisões: se elas acontecem, tem-se de criar uma outra. Ali dentro não há espaço para divergências.

Cristina – É insuportável para a instituição. Mas eu queria perguntar uma coisa à Neusa. Você falou no início que o espaço privilegiado mesmo da transmissão seria exatamente a análise. Mas isso implica teorias, não? Há teorias sobre o que é análise, o que é o fim da análise? Como é que você vê isso? O que eu quero perguntar é: você tem a postura de que há várias Psicanálises? É uma questão de convivência democrática, passiva, ou alguma coisa se decide historicamente, alguma teoria se faz valer?

Neusa – Como é isso de que existem várias Psicanálises?

Cristina – Há essa postura de alguns autores. As teorias psicanalíticas refletem diversos momentos históricos, ou são desdobramentos de certas partes da obra do Freud. Enfim, há diversas formas de se acreditar que no espaço do saber psicanalítico há espaço para várias teorias divergentes. Há essa postura de que cada autor pode fazer sua contribuição e isso engrossa o manancial psicanalítico, mas tudo é psicanálise. Aí haveria várias psicanálises.

Neusa – Não, eu estou com aquele texto de Freud, *A História do Movimento Psicanalítico*. Lá ele coloca três exigências para que se considere Psicanálise aquilo que se faz, que se quer nomear Psicanálise: a aceitação da sexualidade infantil, da teoria do recalque, dos fatos da resistência e da transferência.

Ele diz: *Qualquer linha de investigação que reconheça esses fatos e que os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se Psicanálise mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus.* Então, no meu entender há só uma Psicanálise. Agora, há vários estilos de analistas. Para mim, essa é uma falsa questão – se há várias Psicanálises.

Cristina – Mas há várias teorias... dentro disso há mil ramificações.

Neusa – Sim, mas por que chamar isso outra Psicanálise?

Cristina – E como fica a questão do rigor, da legitimidade do discurso? Se todos podem conviver, por que um normalmente se arvora o título de Psicanálise? É o resultado de uma estratégia política, então que ele se imponha e passe a vigorar como modelo...

Neusa – Não, não acho não. Eu penso que a Psicanálise é sobretudo um ato, uma ação que implica em modificações concretas na vida do sujeito, ela implica uma interferência, comporta o risco de perturbar, desorganizar, questionar tudo, provocar efeitos inusitados, afetar o real da vida de cada um. Mas enfim, se você respeitar os três pressupostos fundamentais – isto é Freud na História do Movimento Psicanalítico – se você respeita esses pilares, as outras questões são questões de escola. Que têm sua importância. Sim, cada um que se esforce para dar conta, epistemologicamente, de suas teorizações.

Cristina – Então esse é o palco de decisão, a epistemologia.

Neusa – É, e toda uma rede de influências e compromissos políticos se mistura nisso. Claro que eu vou abraçar a teoria que mais me suscita e, de algum modo, me acena com uma resposta a minhas questões clínicas. Fica difícil dizer, sem um cuidado aprofundado do ponto de vista de um estudo epistemológico, se a minha é melhor do que a do outro, do meu vizinho.

Cristina – Mas você tem de falar do lugar de quem acha que é a melhor, se não você não a está exercendo.

Neusa – Não. Por que eu vou ter que comparar? A minha posição é uma posição afirmativa na vida, onde não necessariamente para se afirmar como bom tem-se que dizer que o outro é ruim. Eu aprendi isso com Nietzsche.

Para ele, só uma moral de escravos exige uma negação para vir a se produzir uma afirmação. Só escravos é que precisam negar o mestre para vir a afirmar, de segunda mão, alguma coisa.

Cristina – Concordo com você. Eu fico pensando então que, a se levar adiante essa visão afirmativa, há de haver uma pluralidade de pensamento em Psicanálise, nesse sentido.

Neusa – Mas aí cada um que se afirme. Isso é diferente de se propor que haja várias. Haverá várias correntes de pensamento dentro disso que se chama de Psicanálise. Mas não acho que eu tenho de necessariamente de tomar partido em relação a essa briga.

Cristina – Mas tua paixão te define.

Neusa – Mas não em oposição ao outro... Eu detesto polêmica. Cada um já parte de seu pressuposto fechado e quer convencer o outro, que também já está fechado. É uma perda de tempo horrorosa. Não me chamem para mesa redonda. (risos)

Inês – Você conseguiu uma maneira “baiana” de ser psicanalista. Você está em todas as Sociedades... Haja “jogo de cintura”!

Neusa – Não é verdade, vocês exageram. Não estou em todas as Sociedades. Meu percurso nas sociedades tem nome, tem alguns pontos de referência... Cada vez mais eu quero uma coisa menor. Não tenho nenhuma simpatia pelos projetos faraônicos, essa ambição imperial. Quero cada vez mais, essa coisa artesanal, de um por um, de meia dúzia.

Adriana – Você acha que a transmissão da Psicanálise, como o trabalho que se faz no consultório, também devia ser artesanal?

Neusa – Eu acho que é mais coerente com o que fazemos... Essa dimensão tão solitária que é a dimensão do analista em seu trabalho, será que ela se casa bem com essa coisa de psicologia de massas que as instituições por estrutura provocam?

Inês – Mas será que não é exatamente por isso, não será essa dimensão que pede a troca?

Neusa – Mas não seria isto a falência da radicalidade da posição do analista? Ceder sua solidão, ceder na dimensão da singularidade. Por que partir para a massificação?

Inês – ... mas há um nível de troca que é necessário.

Neusa – ... sem dúvida. Como diz um amigo meu: *Você é sozinha, mas anda sempre bem acompanhada!* A alternativa da psicologia de massas não é o isolamento.

Inês – É a própria troca. E mesmo na Instituição você acaba tendo a troca, nem que seja com meia dúzia de pessoas.

Marta – Você sempre fala que foi por mero acaso, por acaso. Não houve uma escolha, uma coisa afirmativa? Fiquei interessada nisso.

Neusa – A escolha foi a de afirmar o acaso.

Marta – Muito nietzscheano...

Neusa – Já que isso me foi dado, é isso mesmo que eu quero. Eu estava aqui no Rio de Janeiro, e comecei a ouvir falar de Psicanálise. E ouvi dizer que existia uma pessoa que dava grupo de estudos de Freud. E eu quis. Eu fiquei um tempo com essa pessoa que era o Gregório Baremlitt, antes do IBRAPSI existir.

Inês – Surgiu o IBRAPSI, você saiu correndo. (risos)

Neusa – É, surgiu o IBRAPSI, mas nosso grupo continuou estudando com o Baremlitt sem se filiar ao IBRAPSI. Depois vieram outros grupos, outros coordenadores – Isidoro E. Americano do Brasil, Stella Jimenez, Eduardo Vidal – até o momento que vi que podia continuar a estudar com os meus pares, sem a presença de coordenadores. Foi mais ou menos assim o meu percurso.

Marta – Onde você localizaria a fonte dessa sedução de não filiação?

Neusa – O que me mantém neste caminho é que eu vejo que o trabalho com meus pares é produtivo. É um espaço no qual eu me sinto inteiramente a vontade para falar dos meus “furos”, onde não preciso fazer “jogo de cena”, para aparentar isso ou aquilo, pois afinal, numa instituição onde não

se está somente com meia dúzia de amigos, não se pode mostrar “a nu”. Só os ingênuos ou exibicionistas assim o fariam. Então, nesse espaço dos meus pares – reafirmo pares e amigos – só aí é que me encontro à vontade para falar dos meus problemas, das minhas questões, dos impasses que eu tenho na clínica, sem ter a preocupação de ser julgada, avaliada. Enfim, aí é onde encontro uma liberdade maior e que no meu caso está a serviço de uma maior produtividade, porque todo o esforço em relação a esses pares visa o trabalho, ou seja, o que nos liga é o trabalho.

Adriana – Talvez seja uma questão de você ter encontrado seus pares e ter-se se satisfeito. Você escolheu ser bem acompanhada. Fundamentalmente a escolha passa por você.

Neusa – Há um nível de responsabilidade nessa escolha que é minha, mas há uma constelação de acasos, como gosto de falar, que se ofereceu a mim e que eu só faço reafirmar.

(Transcrição: Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Rezende).